



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6049 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 16 - Relações Étnico-Raciais

### RAÍZES INDÍGENAS NA CULTURA GAÚCHA: A OPOSIÇÃO E A COMPLEMENTARIDADE COMO PROCESSO EDUCACIONAL

Onorio Isaias de Moura - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

#### **RAÍZES INDÍGENAS NA CULTURA GAÚCHA: A OPOSIÇÃO E A COMPLEMENTARIDADE COMO PROCESSO EDUCACIONAL**

Este trabalho tem como objetivo compartilhar conhecimentos, saberes, filosofias e pensamentos construídos junto ao grupo de pesquisa Peabiru: Educação Ameríndia Interculturalidade (UFRGS/UNISC), no Programa de Pós-Graduação em Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul.

Destaco a experiência de desenvolver, junto com este Grupo de Pesquisa, o projeto intitulado “Aprendizagens Interculturais: raízes indígenas na cultura gaúcha”, realizado na Escola de Educação Básica Educar-se, no ano de 2019.

Por meio do projeto, pude levar para dentro da Escola, a mitologia kaingang e os aspectos educativos, rememorando e resgatando o mito de criação kaingang, a partir dos irmãos gêmeos Kamé e Kanhru, destacando a dimensão humana, a importância da compreensão da oposição e complementariedade e de reciprocidade, a partir da cosmologia e visão de mundo kaingang.

Este projeto teve como proposta desenvolver uma semana intercultural na Escola, com os alunos da pré-escola até os 9º anos do ensino fundamental. Procurou trazer a cultura indígena para dentro da escola, a partir da Lei nº 11645/2008, que torna obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena, em todos os estabelecimentos de educação básica, públicos e privados, destacando a importância de estudar e pesquisar a história de outras culturas no ambiente escolar.

Foi a partir dessa lei que foi pensado o projeto, evidenciando a história e a cultura do povo kaingang, suas tradições culturais e suas especificidades, seus saberes, filosofias, pensamentos, conhecimento e a pedagogia indígena, assim como a sua forma de organização social.

Este projeto foi desenvolvido a partir da iniciativa de uma professora de filosofia e religião da Escola, que procurou a parceria com o grupo de pesquisa Peabiru. Portanto, foi a partir desse contato que o grupo de pesquisa se mobilizou para desenvolver o projeto.

A partir do momento em que se pensou em realizar uma semana cultural num colégio privado, para falar da história e da cultura indígena, percebi que não seria fácil. Pensava que

não teria uma aceitação e aprovação pela parte diretiva e professores do colégio.

Sabendo que a escola já tinha uma programação anual e o planejamento semestral, cheguei a considerar que, com a intensa rotina escolar, reservar uma semana para falar da história e cultura indígena, na percepção da instituição, poderia atrasar o calendário escolar.

Dessa forma, após a elaboração do planejamento, considerando essas questões, tivemos o desafio de levar a proposta para a aprovação da direção da escola e professores. No momento em que apresentamos o projeto aos professores, sentimos um pouco de desconforto, alguma negociação. Aceitaram a proposta, considerando o desafio como um acontecimento inédito no Colégio.

Então, após a aceitação da Escola, ficou combinado que os professores iriam trabalhar em sala de aula a história e cultura indígenas para preparar os alunos com relação às atividades da semana intercultural. Essas atividades aconteceram nas diferentes turmas, desde a educação infantil até o ensino médio, e envolveram cantos, história dos povos indígenas no Brasil, grafismos, discussões sobre preconceito e estereótipos em relação aos povos indígenas.

A abordagem da cultura indígena procurou trazer a mitologia kaingang como ciência, na perspectiva da educação indígena da visão de mundo, e da cosmologia, trazendo consigo a concepção de oposição e a complementaridade como educação mais humanizada.

A escolha das atividades da cultura indígena deveria ter alguma relação com os conteúdos programáticos que os professores estavam desenvolvendo em sala de aula para os alunos. Nesse sentido, o desafio foi de encontrar a melhor forma de abordar a temática, e a escolha do tema deveria, pelo menos, atender todas as turmas, nas quais fui designado para realizar as atividades. Optei pelo mito de origem kaingang, na perspectiva que relato na sequência.

Segundo a tradição dos Kaingang, os primeiros da sua nação saíram do solo; por isso têm cor de terra. Eles saíram em dois grupos chefiados por dois irmãos, Kairú e Kamé. Cada um já trouxe consigo um grupo de gente.

Conta-se que Kairú e toda a sua gente eram de corpo delgado, pés pequenos, ligeiros, tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. Kamé e seus companheiros, pelo contrário, eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus movimentos e resoluções.

O kamé (representado pela marca comprido ou risquinho) é grande, forte, corajoso e resistente, à força rompeu rocha e terra, exímio guerreiro, é o líder destemido do seu povo.

O Kairú (representado pela marca redondo ou bolinha) é esbelto, maleável e delicado, embora, mais voluntarioso, é o conselheiro inteligente, mentor e líder espiritual do seu povo.

Foram os irmãos gêmeos que criaram todas as plantas, os animais e o povo kaingang. Tudo o que existe, desde então, tem uma metade criadora Kamé, e também uma outra metade criadora Kairú, e cada metade tem poderes diferentes, embora complementares.

O sol pertence à metade kamé, dos kaingang que trabalharam para fazer e criarem os animais do dia. A lua pertence à metade kairú, dos kaingang que trabalharam para criarem as criaturas da noite.

Foi a partir deste breve resumo da mitologia kaingang que desenvolvemos as atividades para os alunos do 1º ano ao 5º ano do ensino fundamental. Como pesquisador

indígena, ficou sob minha responsabilidade trazer a cultura e a educação do meu povo para os alunos, respeitando o conteúdo programático da escola, fazendo uma relação da educação kaingang com o conteúdo programático da escola conforme o cronograma escolar do ano letivo.

Desse modo, quando falamos da mitologia kaingang com relação à criação do mundo e à ordem de como esse mundo se dá na visão cosmológica desse povo, estamos falando da origem e a sua própria organização social. Segundo o entendimento do Walter Boechat,

Quanto à questão cosmológica, o mito dá sentido a própria ordem do mundo. Quando nos perguntamos, porque estamos no mundo? Ou, qual o sentido de nossa existência? Tais perguntas não podem ser explicadas simplesmente pela razão. Os mitos têm a função de responder de forma simbólica e abrangente as questões fundamentais da alma. E os mitos cumprem sua função de atribuir ao mundo, desde a aurora da humanidade até os dias da sociedade tecnológica. (BOECHAT, 2009, p. 18).

A existência, neste contexto, não vai se utilizar da razão para explicar, mas sim, como uma ciência, um pensamento e filosofia, que não são as ditas costumeiras e tradicionais que vão nos amparar no suporte teórico, mas sim a compreensão de mundo a partir de uma cultura.

Os mitos sempre se desenvolveram associadamente aos fenômenos naturais. A personificação de elementos da natureza foi uma maneira encontrada por nossos ancestrais para se inserirem no mundo circundante, procurando a ele se adaptar de alguma forma. (BOECHAT, 2009, p. 28).

Outro autor que compreende essa temática é Sérgio Baptista da Silva, que traz através da pesquisa realizada, a compreensão da cultura kaingang, elementos que compõe a pesquisa como suporte teórico. Quando ele fala da mitologia, a partir dos irmãos gêmeos ancestrais, das características de cada um, a relação da oposição e complementaridade manifestadas em sua pesquisa define que:

Uma matriz mitológica kaingang que cria um campo semântico de oposição a partir da vinculação a um ou a outro herói mítico, pares contrastantes marcam este dualismo, cuja abrangência engloba todo o cosmo, incluindo, entre outros, os elementos classificatórios no âmbito da natureza e de sua exploração, as relações entre os homens, a organização social e ritual do espaço, a cultura material, as representações sobre as características físicas, emocionais e psicológicas, as diferenciações de papéis sociais e os padrões gráficos representados em vários suportes. Estes pares opostos caracterizam-se por uma bipolarização contrastante, opostora complementar, modo como se apresenta o sistema de representações visuais Kaingang. (SILVA. 2002, p. 101)

Com isso, fica evidente, as relações de oposição estão visíveis na cultura kaingang de diferentes formas e expressões, tais como na organização social, na natureza, nas confecções e nas produções de artesanatos, etc.

Ele destaca que a compreensão e a sistematização da oposição e a complementaridade, através da mitologia, abrange todos os elementos da natureza, conforme a cosmologia do povo kaingang.

À natureza - aos seus seres e objetos - impõe-se o dualismo cosmológico kaingang. Animais, plantas, seres inanimados, corpos celestes, enfim, todos os integrantes do mundo natural têm lugar preciso nas conceptualizações do discurso ou pertencem a metade kamé ou a metade kainru-kré sofrendo todas as consequências desta ordenação. (SILVA. 2002, p. 119).

Esse entendimento da mitologia de origem e a cosmologia deste povo é uma forma de fortalecer e de autoafirmação através da pesquisa, no sentido de sistematizar a educação

kaingang e a compreensão da mesma nos moldes da educação tradicional. Segundo o autor indígena Bruno Ferreira:

Falar com as pessoas mais velhas da comunidade é muito bom, é uma viagem ao passado é a tradição, que está muito presente nas ações que essas pessoas praticam, seja ela a mais simples, recepção em suas casas até as mais complexas narrativas, que é a história da vida de um povo. Um dos ensinamentos valiosos é aprender a ouvir e, para tanto, é necessário respeitar o tempo e o espaço do outro. Quando ouço uma pessoa de idade falando isso para mim, lembro de uma sala de aula, onde muito pouco fui ouvido, onde fica muito evidente o desrespeito do tempo e do espaço do outro, um lugar onde as pessoas são bruscamente interrompidas por outras. (FERREIRA, 20016, p. 21).

Trazer esses elementos culturais para dentro de uma escola privada foi fundamental para dar visibilidade à cultura indígena, mas também sistematizar a educação kaingang e a compreensão da mesma, utilizando-se de metodologias alternativas que foram essenciais para dar suporte no desenvolvimento e o sucesso na realização das atividades. Kusch (2009) reforça a percepção, ao dizer que o saber indígena, “não é um saber científico da realidade, porque a esta última o indígena não entende como nós entendemos, senão que o saber [indígena] é referido exclusivamente no ato puro de existir” (p. 320).

Para desenvolver esta pesquisa, foi preciso olhar para trás e desenvolver um movimento de reflexão com relação ao caminho percorrido. Antes deste projeto na Escola, junto ao grupo de pesquisa Peabiru, já vinha desenvolvendo ações e atividades com metodologias alternativas, na forma de apresentar a cultura para diferentes públicos de escolas públicas e da rede privada, alunos da pré-escola, do ensino fundamental e médio, inclusive para alunos de graduação e ao público em geral.

Essas atividades de rodas de conversa, de palestras em escolas não indígenas, despertaram o entendimento da importância da mitologia para uma educação mais humanizadora. A contação do mito de criação kaingang ajudou a produzir uma consciência de um pensar kaingang e a importância do respeito, da escuta, o sentido da oposição e complementaridade na educação.



Imagem: Arquivo Pessoal



Imagem: Arquivo Pessoal

A partir de dinâmicas das atividades propostas, os estudantes puderam escolher um desses irmãos com o qual se identificaram, a partir das características e comportamentos. Puderam pintar suas mãos com a marca correspondente do kamé ou do kairú, e pensar sobre o princípio de complementaridade e oposição, a partir da contação do mito kaingang.



**Imagem: Arquivo Pessoal**



**Imagem: Arquivo Pessoal**

Foi a partir da mitologia que busquei trazer uma base de pensamento teórico kaingang, como uma forma de sistematizar os processos educativos nos moldes do sistema educacional.

Povos indígenas de todo o mundo, porém, tem outras histórias para contar, que não apenas questionam a natureza desses ideais e das práticas que eles tem gerado, mas também servem para preferir um relato alternativo: a história da pesquisa ocidental através dos olhos do colonizado. Essas contra histórias são poderosas formas de resistências repetidas e compartilhadas em diversas comunidades indígenas. (SMITH, 2018, p. 12).

Busquei, então, um novo significado, um olhar próprio e caminhos alternativos de pesquisa, dando o devido valor a uma base de pensamento filosófico através da mitologia kaingang.

Desarrollar dispositivos conceptuales (teorizaciones) originados em las culturas nativas, que faciliten nuevas interpretaciones consonantes com las epistemologias y prioridades políticas de las organizaciones. La creacion de tales dispositivos es uno de los objetivos fundamentales de los intelectuales adscritos a las organizaciones étnicas. Estas herramientas no solo son útiles para analizar e interpretar la experiencia, sino que permiten que tales organizaciones actúen políticamente para transformar la realidad social em que viven (RAPPAPORT, RAMOS PACHO, 2005, p. 40) .

Ao desenvolver um projeto voltado para a escola privada, a partir da pesquisa foi fundamental para sensibilizar o sistema educacional de que é possível desenvolver atividades e ações a partir de outros olhares e visões de mundo, buscando uma educação mais humanizadora e ampliando a visão do campo educacional.



**Imagem: Arquivo Pessoal**

Primeiramente, tiramos o formato de ideia da escola convencional, em vez de os alunos ficarem sentados em suas carteiras e classes, pedimos que sentassem no chão dentro da sala de aula, e em círculo.

O andamento das atividades foi muito produtivo, pois como já havia mencionado

anteriormente que as/os professores iriam trabalhar a história e cultura indígenas como uma forma de prepará-los, antes das atividades.

No final das atividades, a turma do quinto ano me encantou com uma homenagem, ao cantar a música “Pénkrig fi tynh kãme” (O canto da formiga) na língua Kaingang. Foi um momento emocionante e sensível que aconteceu. Como pesquisador indígena, fica evidente de estar no caminho certo e contribuindo para uma educação mais humanizadora.

**PALAVRAS CHAVES:** Escola Educar-se, Cultura indígena, Educação Humanizadora, Interculturalidade, Mitologia kaingang.

## REFERÊNCIAS

BOECHAT, Walter Fonseca. **A Mitopoesia da Psique**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2008.

FERREIRA, Bruno. **Educação Kaingang: Processos Próprios de Aprendizagem e Educação Escolar**. Dissertação do Mestrado em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2014.

KUSCH, Rodolfo. **Obras Completas**. Tomo II. Rosário: Fundación Ross, 2009.

RAPPAPORT, Joanne; PACHO, Abelardo Ramos . **Una historia colaborativa: retos para el diálogo indígena-académico**. Revista Historia Crítica, n. 29, Bogotá, jan./jun. 2005.

SILVA, Sérgio Baptista da. **Dualismo e cosmologia Kaingang: o xamã e o domínio da floresta**. Horizontes Antropológicos, 2002, vol.8, n.18, pp.189-209.

SMITH, Linda, Tuhiwai. **Descolonizando Metodologias: Pesquisa e Povos Indígenas**. Tradução Roberto G. Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.